

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

27 a 29 de maio de 2009

Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

BRINCANDO COM FOGO: ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES DA GUERRA DE ESPADAS EM CRUZ DAS ALMAS

Moacir Carvalho¹

Pretende-se discutir as transformações de uma tradição e, portanto, da construção, apropriação e controle sobre a memória, pensando-se o folgado denominado guerra de espadas na cidade de Cruz das Almas. Brincadeira esta, definida pela provocação entre indivíduos visando o “controle” espacial através de um tipo de fogo de artifício: a espada. Tomar-se-ão os limites e possibilidades de aquisição de competências corporais e orientação das emoções visando o exercício dirigido da violência como fundamentos básicos no agenciamento e distribuição de prestígio entre os “querelantes”. Valeria pensar as tensões das representações oficiais, oscilando entre o folclórico-pitresco e o bárbaro-repulsivo; questão espinhosa às gestões públicas, instâncias formuladoras das tradições, mas premidas entre a necessidade de atrair turistas e a tarefa de mantenedora da “ordem”.

Palavras chave: (*emoções; guerra de espadas; memória; prestígio; tradição*)

INTRODUÇÃO:

Esta fala tratará de um assunto que muito me impressionou e que continua despertando muitas polêmicas a respeito do seu valor como experiência lúdica. Trata-se da *guerra de espadas*, fenômeno ocorrido em algumas cidades do interior da Bahia. Imagino que quase todos saibam do que se trata, mas vou detalhar um pouco.

A toca de espadas é um fenômeno que ocorre durante as festas juninas, principalmente o São João, em algumas cidades da Bahia, cidades do recôncavo baiano, principalmente Cruz das Almas, mas também Sapeaçu, Muritiba, Governador Mangabeira, também já ocorreu em Cachoeira e São Félix, etc., também em Senhor do Bonfim, mais distante. Também, ocorre em Sergipe, na cidade de Estância, por exemplo. Mas para o trabalho, me concentro apenas na importância que a guerra adquire em Cruz das Almas. Cruz das Almas é uma recente cidade do interior da Bahia, com pouco mais de um século de emancipação política, e contando aproximadamente

¹ Moacir Carvalho é doutorando pela Universidade de Brasília, UnB. e_mail: moacir.carvalho@gmail.com.

60.000 habitantes, localizada no recôncavo sul, e possuindo características híbridas de recôncavo e caatinga, tanto do ponto de vista físico-geográfico, mas, talvez se possa dizer, também sob o ponto de vista sócio-cultural, não esteve ligada ao ciclo do açúcar nem recebeu um fluxo de população negra comparável a cidades como Cachoeira ou Santo Amaro. Como antiga vila ligada a São Félix, ficava na rota de tropeiros e imigrantes que se dirigiam para essas cidades, mais integradas à economia do açúcar, à Salvador, sendo possuidoras de um peso político econômico e cultural distintos.

Certamente, a espada é um artefato bastante antigo, com pelo menos seis ou sete séculos de existência, mas que veio passando por várias transformações em suas funções ao longo do tempo. A guerra que presenciamos atualmente é resultado mais direto de transformações ocorridas ao longo de mais ou menos um século, e caracteriza-se pela disputa galhofeira entre grupos visando o controle de determinado espaço, utilizando-se para tanto um artefato pirotécnico, a espada. Esta, ao que tudo indica, é de origem árabe do século XIV tendo função inicialmente bélica, posteriormente passando a de sinalização portuária e marítima na Europa². Rigorosamente falando, a estrutura de uma espada é a estrutura básica de um foguete, ou seja, um artefato capaz de se mover através da propulsão por geração autônoma de energia, nesse caso, tendo como fonte energética a pólvora. Outra especificidade da espada é o fato dela ser feita para não subir, recebendo por isso o nome de foguete de rabeio. Possivelmente, a guerra de espadas no recôncavo seria o resultado de uma síntese simbólico-material entre motivos militares e religiosos, a qual teria fornecido uma reorientação funcional para o objeto, mas síntese que não é nem bélica nem religiosa, uma vez inscrita em um evento particular, o São João. Festejo que no Brasil talvez seja e tenha sido um dos mais profanos dentre os festejos religiosos ou, melhor dizendo, festa que, embora tradicionalmente integrada ao panteão católico, manteve bastante diluída a motivação católica e uma simbolização mais especificamente religiosa.

Assim, inseriu-se esse fogo de artifício como função de divertimento e, inicialmente, sem correlação com a idéia da batalha lúdica entre grupos. Tratava-se de um objeto muito menor e feito de material mais frágil e leve que o atual. Era um fogo de artifício dentre outros e, como fogo de artifício, já compunha em sua origem um quadro de um tipo de experiência excitativa, fundamentalmente noturna e que exigia do tocador

² Digna de nota seria a importância que essa utilização deve ter tido em Portugal e por extensão no Brasil, iniciativa colonizadora fundamentalmente dependente das tecnologias navais que na Bahia muito se desenvolveram.

algun tipo de competência corporal para se evitar queimaduras e para tornar a experiência esteticamente agradável de se ver e exibir. Ele pode ser utilizado através de acrobacias, como extensão do braço ou do corpo e, nesse caso, chamuscando o próprio corpo ou roupa, ou co corpo e a roupa do “oponente”, ou, num segundo caso, atirando-se para que a espada “dance” pelo chão e ar – espera-se - a baixa altitude, ao mesmo tempo em que produz uma tensão e demanda um elevado grau de autocontrole por aqueles que ela encontra no caminho. Certamente, uma das formas mais eficazes de se proteger seja evitando o descontrôle e mantendo-se a capacidade de antecipar minimamente o movimento do foguete. Pode-se dizer, se trata de um espetáculo pirotécnico e coletivo, composto por intensa interatividade em seu desenrolar, no qual efeitos audiovisuais, ainda que predominantemente visuais, impõem uma determinada fisionomia, uma específica coordenação e tensão entre os participantes, uma figuração estética.

Mas, para esse trabalho, a questão que se coloca seria a seguinte: como se pode, dentro das condições e da configuração atual, se compreender o significado e identificar a direção tomada pelas alterações sofridas na forma desse divertimento na cidade. Correlativas a essa pergunta, se colocam duas que atravessam a primeira por dois caminhos que deverão se entrelaçar ao longo da apresentação. Primeiro: por que, dentre as muitas cidades do recôncavo, a tradição da espada permaneceu com força diferenciada apenas em Cruz das Almas, ostentando inclusive o posto de imagem oficial do São João da Cidade? Segundo: Em que momento o prestígio extraído basicamente de um sentido de experiência excitativa ligada ao risco e a beleza do artefato, passou a ser articulada pejorativamente à noção de violência, gerando mesmo sentimentos de ansiedade e repulsividade entre alguns habitantes locais ou turistas?

BREVE HISTÓRIA RECENTE DAS ESPADAS:

O termo espada liga-se, de imediato, ao fato de ser possível a sua manipulação por parte do *guerreiro*, como é chamado aquele que vai para as batalhas de espada, as guerras de espada. O feixe de luz propiciado pela queima da pólvora, quando é noite, produz uma imagem muito bela e, poder-se-ia dizer, uma imagem ao mesmo tempo temida e fascinante, ainda mais quando associada ao seu efeito sonoro, assemelhando-se a uma espada em movimento, uma arma-brinquêdo animada e até mesmo dotada de “personalidade”, melhor dizendo, de mana transmitido da parte do fabricante, do possuidor, ao objeto possuído; senão que mana reivindicado por aquele que, mesmo sem tê-la fabricado, à utiliza em confiança de ser fortalecido por seu poder. Esta, a

espada, objeto caracteristicamente significativo em sua ligação com a fantasia que se forma em torno da idéia de nobrezas guerreiras e castas medievais androcêntricas. Aliás, esse medievalismo, um medievalismo ibérico combinado à herança oriental e moura, parece inscrever-se em muito da produção estética sertaneja brasileira, uma certa mitologia do sertão encantado.

As antigas espadas em Cruz das Almas eram feitas de um espécie de bambu chamada taboca (*Guadua weberbaueri*), utilizando-se cortes do seu tronco em sua estrutura externa, tratava-se de um tipo de madeira de menor espessura e mais frágil que o bambu³ atualmente utilizado nas espadas atuais. Já a utilização de bambus com maior diâmetro, resistência e tamanho dos gomos, é herança da utilização dessas mesmas dimensões no antigo buscapé, também um foguete de rabeio, mas que explode no final. As antigas espadas se assemelhavam muito mais aos chamados coriscos atuais e, pelo que me foi informado, não havia a utilização de limalha de ferro nos mesmos. A utilização predominante do bambu atual, ao que parece começou a ocorrer entre as décadas de 1930-1940, justamente quando a guerra foi se tornando um padrão no processo de desenvolvimento do divertimento. Nesse momento, a administração local passou a combater a utilização de buscapés, uma vez que esses propiciavam um risco intenso ao explodir, inclusive porque, uma das formas de se brincar com a espada, é justamente pela prática da desentoca, ou seja, correndo-se atrás da espada que foi atirada contra si mesmo, e atirando-a de volta ao primeiro tocador, ou apenas pisando na espada. Tal prática, ao que parece, produziu no passado machucados gravíssimos em muitas pessoas por conta justamente da convivência entre toca de espada e buscapé, quando exteriormente idênticos.

A partir da década de 40, a estrutura básica da guerra, com a eliminação dos buscapés da brincadeira e com as brincadeiras e chistes característicos entre amigos e familiares nos festejos, estava já praticamente definida, a não ser por três fatores interligados que só poderão se configurar posteriormente: i) na década de 40 o festejo junino ainda era um festejo basicamente familiar e doméstico, no sentido da família extensa, tendo Cruz das Almas provavelmente não mais que 15.000 habitantes; ii) o fabrico naquele momento ainda era predomínio quase exclusivo de fogueteiros

³ No Brasil existem cerca de 200 espécies de Bambu, sendo relativamente abundante no recôncavo baiano. Existem cerca de 34 espécies de bambu na Bahia. Sendo que algumas - 14% da diversidade nacional - são exclusivas do estado. Ao contrário do que aparenta o bambu não é uma árvore, e sim uma gramínea, mas que pode chegar a 40 metros, a depender da espécie.

profissionais; iii) por fim, a festa não tinha nenhuma relação com o turismo, estando a cidade relativamente isolada de moradores não nativos, ou pelo menos, moradores que não tenham vivido experiências lúdicas semelhantes em suas cidades de origem, considerando-se a popularidade do São João no interior do nordeste, e mesmo do Brasil até esse momento.

Um fator fundamental para se compreender o sentido de um jogo é a noção de confiança, principalmente num modelo em que ocorre um alto grau de imprecisão e de acaso em seu desenvolvimento, pois, no caso da guerra de espadas, não só a espada pode explodir acidentalmente e causar ferimentos, como ela pode, caso seja jogada, tomar uma orientação absolutamente imprevisível. Assim, seria razoável supor que o tipo de modelação emocional característica desse divertimento em condições basicamente familiares ou em grupos restritos, comparando-se as condições atuais de uma cidade de 60.000 habitantes, acrescidos de um contingente considerável de turistas tenha se modificado bastante. Até 1940 ou mesmo 1970, a desconfiança sobre a má intenção, gerada por casos de acidentes mais graves, poderia ser dirimida pelas relações de parentesco e pela confiança presente nesse tipo de proximidade. Ainda que a cidade de Cruz das Almas seja considerada pelas autoridades policiais uma cidade relativamente pacífica, claro que durante a vida havia casos de violência cotidiana entre familiares, mas, a toca de espada se dá em um contexto extracotidiano muito marcado pela idéia de divertimento. Nesse contexto, causar um dano irreversível, ou mesmo letal em uma parente ou amigo deveria ser algo repulsivo, uma vez que, submetido a uma vida que a princípio deveria ser vivida em toda a sua duração na cidade, e dentro de um padrão interrelacional marcado pelo face à face, a culpa e reprovação diante de um fato desses poderia causar conseqüências irreversíveis também para o perpetrador. Ou seja, indico aqui muito mais para a idéia de que cada participante, pela intimidade estruturada em redes familiares extensas, com a maioria dos membros residindo na zona rural, dificilmente seria visto como agressor em potencial, e que casos graves de machucados e sua relativa permissividade fariam parte da compreensão dos riscos mesmos do divertimento e de um padrão afetivo modelado em vistas de maior tolerância no que diz respeito aos machucados e sofrimentos corporais, quando comparado aos padrões urbanos atuais. Assim, possíveis “foliões” marcados pela desconfiança de uma orientação pessoalmente agressiva em comparação aos padrões aceitos na época, seriam rapidamente identificados e afastados, ou até punidos nos moldes familiares de repressão. A guerra de espadas não visava em sua origem e, creio, mesmo atualmente

não visa, para a grande maioria dos participantes, a agressão, ao mesmo tempo, ela sempre propiciou, e continua propiciando, lesões mais ou menos graves, no limite, mutiladoras e até letais em seus participantes, independentemente das intenções expressas ou veladas dos jogadores. Trata-se, portanto, de um tipo de padrão sociológico estrutural e que se define por correlações dinâmicas as quais, embora se modificando através do tempo, não se desenvolveram, até o momento, no sentido de eliminar dimensão dos riscos de ferimentos, ainda que tenha havido transformações no sentido de dirimi-los.

Aliás, a espada está longe de ser um artefato eficaz quando se visa agredir alguém em particular, ou seja, um alvo preciso, antecipadamente escolhido, dado o alto grau de acaso em seu movimento. Sem essa imprecisão, possivelmente a brincadeira não existiria ou faria sentido, caso fosse possível se visar alvos em particular a serem atingidos, pois, creio que somente pela experiência dessa imprecisão é que se extrai o tipo de excitação específica, estruturada pela oscilação entre tensão e relaxamento, característica do jogo, meio acaso, meio competência. O jogo se estrutura pela busca de um tipo de experiência marcada pela ambivalência, nesse sentido, talvez um tipo de experiência particularmente indesejado por um padrão modernamente hegemônico de vida. Sem essa ambivalência, que tem sua continuidade na definição do que seria o jogo, a guerra de espada talvez não tivesse provocado polêmicas tão acirradas e opiniões tão extremadas, diria, apaixonadas a seu respeito.

Assim, a tensão do ponto de vista de um ideal de civilidade a respeito da espada é fundamental. Em primeiro lugar, realmente se trata de um divertimento coletivo que porta um considerável risco, mas que não entra facilmente no âmbito dos esportes radicais, por exemplo, pois, na forma como se encontra, não há como constituir-se em competição com critérios objetivos de avaliação ou julgamento. Inexiste uma meta clara a se atingir, um recorde a ser batido, uma determinada medida da conquista realizada. Não apenas pelo fato do grau de imprecisão ser muito grande, dados os tipos de competências e performances atualmente valorizadas, mas também, uma vez que a produção se democratizou – fato que será abaixo explorado – bastante a partir da década de sessenta, a espada passa a ser considerada por parte desse tipo de agente produtor-consumidor como objetivação do espírito do guerreiro, assim, tentativas em se estipular critérios precisos para avaliar o valor do produtor-guerreiro se tornam questionáveis, salvo talvez pelos critérios de segurança, mas, para a compreensão do que vem a ser a

guerra, esse critério seria absolutamente insatisfatório, diante do que abaixo se argumentará.

O controle intergeracional sobre a forma de fabrico e toca era até a década de 1960 muito mais estreito que atualmente, sendo as espadas normalmente tocadas nas portas das casas, ou mesmo dentro delas e, o que é fundamental, quase sempre em dois sentidos básicos paralelos, seguindo-se o traçado das ruas, num contexto de baixa densidade populacional e, portanto, de um número muito baixo de espadas comparando-se aos dias de hoje. Tudo isso não quer dizer que não houvesse acidentes, eles sempre existiram e, em certa medida, podem ter sido ainda mais graves que os de hoje, pense-se, por exemplo, como teria sido o período de convivência entre espadas e buscapés, ou a prática comum de se ascender a espada dentro da casa e ir correndo com ela até a rua.

OS ANOS 60:

Por outro lado, nas condições atuais, continua pesando um segundo fator de prestígio, existência do produtor-guerreiro. Mas isso nem sempre foi assim. Atualmente o processo de aprendizado costuma acontecer no fundo das casas, aonde crianças e adolescentes vão acompanhando os adultos, fazendo pequenos serviços de ajudante, trabalhos mais simples e repetitivos, e observando o modo de trabalhar os materiais em geral. Pela ajuda esses meninos – pois a produção, ao contrário da toca, é monopólio dos homens - vão recebendo pequenas remunerações normalmente em forma de espadas. Creio que sem esse processo de democratização, a espada não teria adquirido a força que tem, pois, nesse caso, a continuidade de um tipo de memória afetiva bastante enraizada, foi se retransmitindo intergeracionalmente, a despeito, inclusive, dos esforços de alguns indivíduos concentradores de capital econômico ou político. Aqui, mais uma vez, a confiança é a palavra chave que guiará a mão do artesão.

O fabrico é um processo cuidadoso que começa a acontecer meses antes da contenda. A escolha dos materiais, o seu tratamento e acabamento. O armazenamento costuma ser realizado dentro das casas, às dezenas, são fabricadas muitas vezes no adentrar da noite, ou em qualquer tempo livre que se tenha. Inclusive, a aparência exterior das espadas recebe tratamento dedicado. Também, algumas espadas são feitas com um cuidado especial, de modo que são guardadas para momentos especiais, no auge da disputa, ou em qualquer momento que possa propiciar maior visibilidade à espada e, é claro, ao guerreiro/ espadeiro. O processo é demorado e totalmente artesanal. Um mercado temporário se consolida em torno da atividade, envolvendo a compra de salitre, carvão localmente produzido, enxofre, bambu, limalha, papel, cola,

cordões de sisal, tinta para ser misturada a pólvora etc. Resumidamente, a fabricação residiria no seguinte: Começa com a coleta do bambu, do barro, a feitura da pólvora – o que é um perigo, mistura de salitre, predominante, enxofre e carvão -, o cozimento do bambu, o ato de encerar o barbante - que acontece nas ruas da cidade, com rolos de barbante de sisal estendido entre postes ou árvores - e enrolar o bambu, pilar o barro no cano de bambu, pilar a pólvora no cano de bambu, abrir a boca da espada - saber especialmente valorizado entre os espadeiros, pois disso depende a eficiência da mesma: uma boca grande e a espada fica "mijona", não sai do chão; uma boca pequena demais e a espada pode estourar - e arrematar com papel laminado.

Mas, até a década de 60, quando poucas pessoas participavam da brincadeira, ao mesmo tempo em que ela se restringia a um ambiente comunitário reduzido, com a exclusão de mulheres, jogava um peso importante a idéia de que a espada “assustava” as pessoas. Assim, a experiência estética se ligava a um tipo de poder restrito, próprio da espada e, sobretudo, do buscapé em tempos anteriores. A espada aqui cumpria um papel semelhante ao buscapé, que foi desaparecendo justamente pelo seu poder de ferir, que começava a ser sentido como excessivo em muitas partes do país, uma vez que se tratava de um foguete explosivo comumente atirado em direção as pessoas. Não há como se equivocar a esse respeito, uma vez que, acaso essa intenção não existisse, não se trataria de um foguete de rabeio, mas, seria fabricado para subir. Portanto, parte da extração de prazer e excitação, dependia da idéia de se oferecer um grau de risco que, provavelmente, seria considerado intolerável para os padrões atuais. A espada, até a década de 60, provavelmente combinou características da batalha atual com algo similar ao buscapé, que está mais próximo de um propiciador de um “susto” nos passantes, assemelhando-se a uma brincadeira de pregar uma peça em alguém mais distraído, justamente num contexto em que isso era permitido e que, sem dúvida, a quantidade de participantes era bem menor. A eliminação do buscapé, nesse sentido, foi fundamental para o desenvolvimento que se seguiu, permitindo a idéia de batalha, impossível de se realizar com a permanência dos mesmos. Todavia, o padrão motor e emocional presente entre os guerreiros que haviam presenciado e jogado os buscapés parece ter sobrevivido durante alguns anos, até, provavelmente, a década de 1960, momento em que, não só pela distância no tempo, como por desenvolvimentos imprevistos, o divertimento tomará outra direção.

Aqui, trata-se de um fenômeno relativamente recente, que se instaurou a partir da década de 1960: a democratização das tecnologias de fabricação e o desenvolvimento

de um tipo de experiência nova e fundamental, a unidade entre produção e consumo. Até então, a feitura de espadas era quase que monopólio de fogueteiros locais, de especialistas. Para se ser fabricante de fogos, o pré-requisito básico era se saber fazer foguetes, por isso o nome genérico de fogueteiro para todo fabricante de fogos de artifício, e a espada é tão somente um foguete em sua forma básica mais simples – ainda que trabalhosa, pois uma espada pode durar até 12 dias para ficar pronta. Destarte, tais fogueteiros controlavam não só a produção de espadas, como de uma série de outros fogos de artifício. Também, a queima de fogos era realizada em uma série de momentos que não apenas o São João, embora esse sempre tenha sido um momento privilegiado, principalmente, no que tange os fogos como bombas, buscapés e espadas. Assim, como em grande parte do nordeste, a intimidade corporal com a utilização dos fogos diz respeito a um tipo de experiência muito mais ampla e disseminada, inclusive, por um longo histórico de entusiásticos espetáculos pirotécnicos custeados pela igreja católica.

Ora, as espadas e buscapés nunca foram privilégio de Cruz das Almas, existindo no nordeste inteiro e, certamente, em muitas outras regiões do país. Então, por que ela teria mantido a força que teve nessa cidade. Uma das explicações, acredito, esteja nesse curioso fato de ter se configurado inicialmente num divertimento de estratos médios, possíveis dominados entre os dominantes, que não se viam ameaçados de identificação com os populares, uma vez que estes raramente podiam tocar espadas até aquele momento. Por outro lado, como até esse momento o controle do estado através da administração municipal por parte das elites locais era bastante restritivo, alternativas competitivas que desvirtuassem os estratos médios em direção a luta pelo poder político estivessem talvez vetadas. Não é desnecessário lembrar, em cidades menores como Cruz das Almas, o peso que os recursos do estado e o prestígio a ele associado jogam, costuma desequilibrar a balança de forças de forma inequívoca. Possivelmente, o padrão monetário e escolar de Cruz das Almas entre os que estavam deslocados dessa elite durante boa parte do século não tenha permitido o tipo de categorização como também de enfrentamento que motivasse uma iniciativa oficial de caráter repressivo analogamente eficaz; ao que tudo indica, Cruz nunca foi palco de disputas políticas mais violentas até a década de 1970, pelo menos, dada a hegemonia estabelecida principalmente pela família Passos até aquele momento e pela aliança mais recente que se estabelece com o bloco carlista.

Pouco a pouco, o que se configurava como um fogo de artifício qualquer, passa a fornecer prestígio pelas propriedades estéticas e pela imagem de confiança que

propicia e demanda, estas, ligadas a competência artesã do espadeiro-guerreiro. Isso teria fornecido uma pressão competitiva poderosa em direção do indivíduo produtor, até hoje, fundamentalmente masculino e oriundo de extratos populares. Nesse momento, a potência de intimidação do guerreiro vai passando cada vez mais a se identificar com a espada, constituindo-se uma idéia de unidade mágica entre espadeiro e espada. Esse, creio, é o momento em que uma certa mítica da espada encantada irá se constituindo como vetor funcional indispensável para o significado que ela passará a ter. Com os buscapés definitivamente de fora, e sem os fogueteiros profissionais, o fabricante-guerreiro fornecerá um tipo de modelo do lutador e da relação com a brincadeira. É a partir desse momento que o teste das espadas, evento que acontece dias antes do São João ganhará importância como oportunidade de exibição, não tanto do espadeiro, mas da espada, pois é ela, nessa fase, que se tornará realmente a rainha da festa, como eram, e ainda são chamadas: espada rainha, ou simplesmente, rainha.

Ao que parece, foi justamente nessa etapa que surgiram várias inovações e experiências de orientação estética, inclusive, com a participação de alunos e profissionais saídos da escola de agronomia instalada na cidade desde a década de 1940, e que começava a ter em seu corpo discente estudantes habitantes da própria cidade. Também, tudo isso teria contribuído para uma interpretação recente de um passado mítico e pacificado da guerra. Todavia, não se tratou de um desaparecimento dos riscos e machucados, mas, de uma mudança de acento, do amedrontamento e pregação de peças para a potência sublimada da virilidade do espadeiro sintetizada na relação guerreiro-artesão. Do trickster para o artista, mas sem que haja necessariamente um desaparecimento de um pelo outro, mas, uma predominância de uma estrutura emocional e de um modelo legítimo de agenciamento de prestígio e sensação de prazer.

A DÉCADA DE 1970:

Ao mesmo tempo, outras expressões populares vão perdendo a força através de rupturas intergeracionais as quais irão se definir pelo aumento do sentimento de vergonha em relação a determinadas tradições locais, católicas, cívicas ou familiares. Festa de reisado, cavalhada, festa do divino, padroeiro da cidade, a idéia do “São João passou aí!” etc. Esse processo, ao que parece, se consolida rapidamente nas décadas de 1970-1980 acelerado por dois acontecimentos de importância local: a construção da BR 101 e a construção da barragem de Pedra do Cavalo. Tem-se o aumento populacional e diferencial ocorrido entre as décadas de sessenta e oitenta, por conta não só do afluxo de professores, pesquisadores e alunos ligados à faculdade de agronomia e EMBRAPA

como, principalmente, também pela alteração demográfica e econômica gerada pela construção de Pedra do Cavalo e a construção da BR 101, não só aumentando a população local, como redefinindo o peso relativo da zona urbana em relação à rural – com prejuízo demográfico para essa última.

Projetos esses que acabaram alterando o perfil sócio-econômico da cidade através de uma pressão monetária oriunda de agentes externos, alheios e desvinculados das tradicionais redes de poder e disputa política na cidade, ao mesmo tempo em que a abria e visibilizava como pólo de atração turística durante os festejos juninos num momento, final da década de 1970, em que essa idéia timidamente começava a ser vista como oportunidade de atrair recursos e dinamizar a cidade. Ou seja, tais obras, se por um lado cumprem um papel importantíssimo de integração regional, teriam também contribuído para a desestruturação das redes de confiança familiares e estendidas, ou seja, redes que demarcavam os ciclos de sociabilidade e poder tradicionais. De certa forma, ironicamente, é como se um subproduto indesejado do projeto modernizador encabeçado pelas elites locais tenha sido justamente o questionamento do seu lugar de poder. Passa-se lentamente a rejeitar as modalidades de entretenimento e organização dos afetos, baseados nesse mundo relativamente fechado, sobretudo quando confrontado a esse mundo “exterior”, que adentra mais ou menos violentamente a cidade transformando através de uma pressão econômica e intelectual diversa, a estrutura de prestígio até então familiar da cidade. Pensar, por exemplo, a quebra de prestígio sofrida por famílias como a Passos, considerada a mais tradicional e de maior poder na história que vai do fim do século XIX até 1970 pelo menos.

Nesse momento, intensifica-se a recepção de fluxos turísticos na época do São João, com a integração do interior com a capital via BR 101, e com o retorno de emigrantes que voltavam às cidades de origem para visitar seus parentes, muitas vezes levando consigo amigos. Tudo isso a partir do final da década de 70, quando o São João em Salvador, como na maioria das grandes cidades brasileiras, começa a desaparecer, sendo que esse novo desenvolvimento passou a cumprir um duplo papel: de movimentação econômica e de trocas expressivas e afetivas. Surge um novo fator o qual contribuiu para a forma atual da guerra, estimulando a intensificação de expressões de exibição e risco, voltadas para a excitação do público assistente, ao mesmo tempo em que esse tipo de emoção passava a compor a motivação básica do espadeiro contemporâneo. Assim, se a exibição entre as décadas de 1960 e 1970 assemelhava-se mais a uma estética que ainda visava assustar, mas, principalmente, fascinar o público e

o adversário pela qualidade distintiva da própria espada, a atual foi se convertendo a partir do final dos anos 70 e início dos 80 numa forma de espetáculo que contava, cada vez mais, com a participação de jornais escritos e da televisão, e que passava a ser exibido para um público não nativo. Nesse contexto, vai surgindo uma pressão no sentido de se separar o prestígio do tocador do ato de feitura, o que pode vir a colocar a espada em posição secundária diante do guerreiro. Inclusive, com a participação ativa e cada vez mais numerosa de turistas nas batalhas, os quais não só não sabem fabricar as espadas, como não são modelados desde os primeiros anos de vida, motora e emocionalmente para o jogo. Para esse turista, como para muitos guerreiros não fabricantes que ainda existiam na cidade, mas que estavam submetidos e inferiorizados pela lógica do produtor, o significado principal da brincadeira concentra-se cada vez mais na batalha, e não na espada, cada vez mais convertida à mero utensílio, todavia capaz de revestir as ações do guerreiro com uma áurea de coragem e ousadia. Algo que também, inicialmente, deve ter suscitado nos primeiros visitantes não só emoções ligadas ao estranhamento e excitação pelo exótico, como também uma sensação de provocação e desafio, principalmente entre os homens.

Cruz das Almas não possuía nenhum fator distintivo que pudesse encabeçar uma visibilização turística concorrente a outras cidades que despontavam nesse mercado no estado, a exemplo de Cachoeira, São Félix, Senhor do Bonfim ou mesmo Feira Santana, entre outras – Amargosa só aparecerá um pouco mais tarde. Em Cachoeira, principalmente, com a Feira do Porto, com sua singularidade geográfica e arquitetônica, com toda a tradição negro-mestiça dos candomblés, sua história secular ligada ao açúcar, com a maior proximidade com Salvador, tinha-se um fator privilegiado de propaganda e atração. Cruz das Almas, inclusive, não possui, pelo que se saiba, uma tradição arraigada de sanfoneiros e grupos de forró.

Tais pontos de atrito têm levado muitos agentes a uma luta mais ou menos consciente pela preservação da guerra, tendo-se como principal bandeira, uma reinterpretação do passado da espada, tido, nesse caso, como modelar de um jogo pacífico e com pouco ou nenhum risco para os contendores. Uma espécie de passado mítico, como já indicado anteriormente. Tal reinterpretação, ao que parece vem recebendo uma leitura bastante decisiva por parte de intelectuais locais entusiastas da guerra, e de participantes afinados ao padrão de entretenimento que se desenvolveu nos anos sessenta. Como já foi dito, não se tratou de uma fase sem riscos, mas de uma alteração de acento. Na verdade, seria muito difícil se afirmar se, proporcionalmente, os

machucados eram mais ou menos numerosos, mais ou menos graves, mas que, diante da conjuntura atual, haveriam pressões concorrentes que fogem ao controle dos indivíduos interessados.

CONCLUSÃO:

Desde o final da década de 70, e cada vez mais, ocorre uma pressão mais ou menos oficial por parte da prefeitura de Cruz das Almas para que a guerra passe a ocorrer lugares pré estabelecidos da cidade. O que remete a um esforço de controle e reconhecimento, ao mesmo tempo que estabelece uma situação por vezes tensa com os jogadores. Ainda que se tomem várias precauções para se proteger as casas, é inevitável que ocorram danos ao patrimônio. Momentos antes da guerra, não se fala em outra coisa, fazendo-se referências constantes a guerras passadas, bem como a figuras, espadeiros lendários, muitos deles já mortos. E acontecimentos de festejos anteriores, de batalhas anteriores.

O perigo de um desfecho mais desastroso, evidentemente aumenta com o tamanho da espada – maior quantidade de pólvora, maior perigo. São famosas as chamadas espadas rainhas fabricadas em Cruz das Almas. Espada mal apertada, mal acabada, furo muito estreito, mal feita, aumenta o risco. Inclusive, levando à morte do participante, ou pelo menos à mutilação. Minimamente, a exibição de queimaduras em partes do corpo de quase todo guerreiro é algo trivial. Uma má fabricação pode, de fato, causar um desastre, mas, além de um acidente que pode vir a ser letal, o fabricante é atualmente mais do que nunca pressionado pela necessidade de fabricar uma espada difícil de ser domesticada ou ridicularizada. E aqui se encontram duas direções contraditórias, pois, normalmente a relação entre o descontrole da espada e o risco é direta. Também aqui, a pressão sobre os produtores que pretendem extrair recursos da produção, vendendo espadas a terceiros é maior ainda. A guerra de espadas é um episódio que demanda um investimento custoso por parte dos participantes. Uma boa espada é cara, e o seu bom funcionamento atesta a qualidade do guerreiro. Nesse sentido, é motivo de galhofa aquele que entra no jogo exibindo espadas que não funcionam, ou não funcionam bem – apagam rápido, o feixe é fraco, são lentas etc. Caso um vendedor produza espadas assim perderão clientes, dada a diversidade de alternativas de compra propiciada pela intensa democratização das tecnologias de produção. E é justamente nesse ponto, em que um desenvolvimento técnico cada vez mais disseminado vai se modelando pela a orientação da maior otimização e eficácia, que a espada se torna mais perigosa.

Se estiver correto o argumento de que a guerra sempre foi um acontecimento propiciador de riscos variavelmente controlados para os participantes, a questão que se coloca é saber, em que momento os patamares de agressão e risco herdados das gerações passadas começou a se tornar intolerável, ou pelo menos indesejável para algumas parcelas das gerações mais novas. Ao mesmo tempo, será que teria havido algum movimento em direção ao aumento das possibilidades de ferimento corporal em alguma direção, e por quais razões? Ou seja, será que o padrão de interdependências que se constituiu no formato atual do jogo teria trazido consigo algum fator distinto e não previsto no que tange ao aumento proporcional dos acidentes, ou mesmo uma requalificação desses?

Sem dúvida, o fluxo turístico e seu aumento é um fator fundamental para se entender o atual desenvolvimento. Inicialmente, de fato, a espada era reconhecida como fator de atração turística, o símbolo distintivo da cidade em relação a outras, principalmente, Cachoeira. Paradoxalmente também, esse mesmo fluxo de turistas, atualmente – a partir da década de 90 - com o advento do forró elétrico, mas já no início da década de 1980 com a definição de um padrão interpretativo oficial que vê a guerra predominantemente por seus efeitos dolosos, e que veio se arrastando por duas décadas, passa-se a reconhecer uma disputa entre os espaços, uma vez que com o crescimento de importância dos grandes espetáculos musicais, a queima de fogos em geral e a guerra de espadas em particular correm o risco de perder espaço. Uma disputa que, em última instância, diz respeito a uma leitura da cidade e narrativa sobre a cidade, a definição de uma memória oficial. Cruz das Almas seria a: “Cidade Sorriso”, como já se disse; “Cidade Universitária”, ou; “Cidade das Espadas”?

Ainda mais com o advento do projeto de reforma da praça Senador Temístocles Passos, atualmente principal e tradicional ponto da batalha, e que deverá, caso o projeto se concretize, assemelhar-se a uma espécie de shopping center a céu aberto, com o objetivo de competir mais arrojadamente pela clientela regional em torno da prestação de serviços e comércio. Isso, nos próximos anos, o que inviabilizará, no meu entender, a continuidade da guerra nesse local pelo menos. Como a prefeitura irá negociar junto aos espadeiros a implementação da reforma, não se sabe. Embora oficialmente ela afirme estar aberta ao diálogo, tal diálogo não diz respeito à viabilização do projeto, que ela toma como já decidido. Se a conjuntura atual irá permitir que essa posição se concretize, é um fato que irá atestar a direção civilizacional tomado pela cidade, o que procurou se descrever nas páginas anteriores desse trabalho. Ou seja, se na direção de um maior

autocontrole e disciplinamento corporal e afetivo por parte dos guerreiros, e o reconhecimento de uma especialização do lugar da guerra e do guerreiro, o que talvez possa convertê-la em apreciação segura para o turista, construindo-se, como me foi sugerido por informantes, pontos de apreciação seguros, com cobrança de entrada e um sistema de proteção, ou se, ao contrário, a pressão pelo descontrole mais frouxo do fenômeno, impossibilitaria tal orientação. Quanto à primeira posição, ela se coaduna com um ideal de sobriedade e de uma ética voltada para o trabalho e o desenvolvimento local, que, possivelmente, tomará a guerra no futuro como fato folclórico-pitoresco, distante do significado do que deve e pode ser uma modalidade de divertimento popular agradável e permitido.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Caps II e III. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom**: o terceiro paradigma. Petrópolis: Vozes, 2002. 325 p.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001. 290 p.

De CASTRO, Jânio Roque Barros. Dinâmica territorial das festas juninas na área urbana de Amargosa, Cachoeira e Cruz das Almas.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004. 244 p. Coleção A lei do desejo.

CUNHA, Mário Pinto. História de Cruz das Almas. 287 p.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Ed: Difel. 421 p.

_____. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 201 p.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 271 p.

_____. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 107 p.

FARIAS, Edson. **Consumo cultural em sociedades modernas**. 2006. 30 p.

SANTANA, Alino Matta. O livro do centenário: marcos do progresso de Cruz das Almas.